

## TEORIA *GROUNDED*, RELAÇÕES FRATERNAS E TOXICODPENDÊNCIA

JOÃO BARROCAS  
RUI PAIXÃO

**RESUMO:** Neste estudo analisam-se as fratrias de 3 mulheres toxicodpendentes, segundo a metodologia da *Grounded Theory*. Os resultados obtidos sublinham a importância do contexto relacional da fratria, colocando em evidência a sua especificidade na manutenção de comportamentos aditivos e na capacidade, ou não, de suporte mútuo, perante a ocorrência de perdas reais, por morte, ou perdas por separação/afastamento. O impacto da perda é mais evidente e manifesto nas situações de perda real e definitiva, perturbando mais intensamente toda a dinâmica familiar, comparativamente com aquilo que acontece quando há, apenas, separação ou afastamento.

**Palavras-chave:** Relações fraternas e toxicodpendência; Fratria e consumo de drogas; *Grounded theory*; Toxicodpendência e sentimento de perda.

**RÉSUMÉ:** Dans cette étude s'analysent les fratries de 3 femmes toxicomanes, selon la méthodologie du *Grounded Theory*. Les résultats obtenus soulignent l'importance du contexte relationnel de la fratrie, mettent en évidence leur spécificité dans la manutention de comportements aditifs et dans la capacité ou non, de support mutuel, devant la présence de pertes réelles, par le décès ou les pertes par séparation/éloignement. L'impact de la perte est plus évident et manifeste dans les situations de perte réelle et définitive, dérangeant plus intensément toute la dynamique familiale, comparativement avec ce que se manifeste quand il y a, seulement, séparation ou éloignement.

**Mots-clé:** Contexte relationnel de la fratrie; Toxicomanie; Fratries toxicomanes; *Grounded theory*; Toxicomanie; Perte.

**ABSTRACTS:** This qualitative research uses *The Grounded Theory Method* to analyse 3 female drug abusers siblings' relationships. The results support the importance of the siblings relational environment for the individual, considering his drug-abuse and the ability to provide, or not, support to cope with real losses, by death, or losses by separation. Loss originates several reactions. Our results suggest that the loss impact is more severe in the situation of real loss, than in case of loss by separation. The disturbance is more obvious in all family members in the first situation. There is evidence that the disturbance phenomena within the siblings relationships, at least when the individuals face a loss by death, goes together with family disturbance phenomena.

**Key Words:** Siblings relational environment; Drug-abuse; Drug-abusive siblings; *Grounded theory*; Drug-abuse; Loss.

## 1. ENQUADRAMENTO

### 1.1. O estudo das relações familiares

A realidade psíquica, e a sua compreensibilidade, não deve ser limitada ao sistema estanque do intra-individual, mas alargada à diversidade relacional dos sujeitos e dos sistemas em que estes se inserem (Oliveira & Paixão, 1998). O interindividual, entendido como sistema ou como o “outro” da relação é, assim, parte complementar da realidade psíquica intra-individual. É, também, neste sentido que o interesse pelo estudo das interações familiares, particularmente dos sistemas com “pacientes identificados”, ou, de um outro ponto de vista, das relações entre interações familiares e psicopatologia, tem vindo a aumentar nos últimos anos (Amaral Dias, 1980; França, 1994; Fleming, 1995; Boutillier, 1999; Carvalhosa, 2000; Alarcão, 2002; Fernandes, 2002; Kidd, Henrich, Brookmeyer, Davidson, *et al.*, 2006; Vélez-Pastrana, González-Rodríguez & Borges-Hernández, 2006).

As teorias sistémicas, em particular, têm desenvolvido um esforço nesta direção, procurando compreender a influência que a família tem no desenvolvimento e/ou manutenção de um determinado sintoma, que, sendo expresso por um indivíduo, se assume, simultaneamente, como manifestação das dificuldades do sistema familiar (Stanton, 1979; Reichelt & Christensen, 1990; Stephenson, Henry & Robinson, 1996; Seltzer, Greenberg, Krauss, Gordon & Judge, 1997; Alarcão, 2002; Avdi, 2005). A maior parte destes estudos, no entanto, sublinham, apenas, a importância das relações pais-filhos (Fernandes, 2002), omitindo ou “esquecendo” outros contextos relacionais significativos do indivíduo, nomeadamente as relações fraternais como subsistema do sistema familiar ou como “objectos” relacionais altamente significativos para a “construção” do psiquismo.

A literatura psicológica salienta que a fratria é um contexto relacional significativo<sup>(1)</sup> pela diversidade de experiências que potencia (Paixão, 1991; França, 1994; Fernandes, 2002; Dunn, 2005). As relações fraternais providenciam um laboratório da vida social (Relvas, 1996), possibilitando e modelando, numa relação entre iguais, emoções, sentimentos de solidariedade e de competição. São um elemento de riqueza para o sujeito (Braconnier & Marcelli,

2000) e influenciam a génese sócio-afectiva do mesmo (Ajuriaguerra, 1980), de tal forma que, na ausência de irmãos, há toda uma série de aprendizagens, afectivas e cognitivas, que só mais tarde – com os colegas de escola e com os primos – começa a acontecer (Paixão, 1991; Fernandes, 2002). Curiosamente, apesar do reconhecimento da importância do contexto fraternal no desenvolvimento e na vida do indivíduo, os estudos sobre irmãos são relativamente pouco frequentes (França, 1994; Seltzer, Greenberg, Krauss, Gordon & Judge, 1997; Carvalhosa, 2000; Drapeau, Simard, Beaudry & Charbonneau, 2000; Bachner-Melman, 2005).

### 1.2. As relações familiares e a toxicodpendência

A toxicodpendência é um fenómeno multideterminado em cujo desencadear, e manutenção, os factores familiares desempenham um papel crucial (Slesnick, Bartle-Haring & Gangamma, 2006). Muitos têm sido os contributos da investigação sobre funcionamento familiar e toxicodpendência (Harbin & Maziar, 1975; Reichelt & Christensen, 1990; Stephenson, Henry & Robinson, 1996; Cirillo, Berrini, Cambiaso & Mazza, 1999; Amaral Dias, 2001), permitindo caracterizar a ligação entre estas duas realidades e verificar alguns aspectos, nomeadamente: a influência das atitudes familiares perante a utilização de substâncias modificadoras da consciência e os respectivos padrões de consumo (dos pais e dos irmãos) (Denton & Kampfe, 1994; Hopfer, Stallings, Hewitt & Crowley, 2003); a existência da perda de um dos progenitores, por morte ou separação (Harbin & Maziar, 1975; Stanton, 1979; Amaral Dias, 1980; Fleming, 2005)<sup>(2)</sup>; a importância das perturbações da identidade associadas à ausência/demissão de um dos progenitores, à superprotecção do outro progenitor e/ou à patologia de um ou de ambos (Amaral Dias, 1980; Bergeret, 1980; Fleming, 2005); a inconsistência disciplinar (Denton & Kampfe, 1994; Fleming, 2005); as dificuldades de comunicação (Denton & Kampfe, 1994; Fleming, 2005) e de separação-individação (Alarcão, 2002).

### 1.3. As mulheres e a toxicodpendência

A literatura científica sobre mulheres toxicodpendentes tem-se centrado, fundamentalmente, no estudo da gravidez e da maternidade (*e.g.*, Martin, English, Clark, *et al.*,

1996; Quinlivan & Evans, 2005; Flores, Carvalho, Magalhães, Pimentel & Calheiros, 2005; Coleman, Reardon & Cogle, 2005). A investigação centrada na mulher toxicodpendente como pessoa, e não apenas como grávida e/ou mãe, é escassa, fazendo sobressair, da mulher consumidora, um retrato incompleto e inconsistente (Cardoso & Manita, 2004). De qualquer modo, podemos afirmar que homens e mulheres parecem diferir nas suas motivações para o consumo e experienciar diferentes consequências com este (Lex, 1994). Os padrões de consumo, o seu impacto fisiológico, as características psicológicas dos sujeitos e os aspectos sociais circundantes são alguns dos factores que contribuem para a diferença observada entre géneros (Nelson-Zlupko, Kauffman & Dore, 1995). Estas diferenças, a nosso ver, justificam a necessidade de uma linha de investigação específica para o estudo das vivências e trajectórias das mulheres abusadoras de substâncias.

Com esta breve incursão pelas temáticas adjacentes procurámos fundamentar a escolha do objecto do presente estudo. O trabalho em causa consistiu na aplicação da teoria *Grounded*, de natureza qualitativa, às relações fraternas de mulheres toxicodpendentes. O objectivo principal foi o de gerar uma teoria *Grounded*<sup>(3)</sup> capaz de explicar aquilo que se passa com, e entre, as mulheres toxicodpendentes estudadas e as suas fratrias. Interessou-nos, sobretudo, compreender o que estava a acontecer e a forma como os intervenientes geriam os seus papéis. Para isso, baseámo-nos na percepção que a toxicodpendente tem da relação com os irmãos: como os vê, como os sente, como decorrem as suas interacções. Procurámos, também, compreender as relações fraternas, sua ligação e influência, no consumo de droga. É importante sublinhar que o modelo teórico emergente se aplica à situação, única e particular, vivida pelos 3 sujeitos que participaram nesta investigação.

## 2. METODOLOGIA

A *Grounded Theory* assume-se como uma metodologia geral (Strauss & Corbin, 1994; Glaser, 2004), que usa principalmente, dados qualitativos (Glaser, 2004). É “descoberta” nos anos 60, do século XX, pelos sociólogos Glaser e

Strauss, quando realizavam estudos com pacientes terminais em ambiente hospitalar (Babchuk, 1996). Em 1967 Glaser & Strauss publicam “*The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*” e estabelecem as bases da abordagem. Desde então, tem-se assistido ao seu desenvolvimento (Strauss & Corbin, 1994; Haig, 1995) e à sua aplicação a múltiplas disciplinas ou áreas de estudo, nomeadamente a sociologia, os estudos de marketing (Pettigrew, 2002), os estudos de gestão de empresas (Pandit, 1996), a educação (Coelho, 2004) e a psicologia (Renshaw, 1976; Ball, Cowan e Cowan, 1995; Pires, 2001; Ungar, 2004). Neste estudo, seguimos a metodologia original de Glaser e Strauss (1967, 1999), assim como os desenvolvimentos subsequentes de Strauss e Corbin (1998) e de Glaser (2004)<sup>(4)</sup>.

O objectivo principal da *Grounded Theory* assenta na “construção de teorias” que permitam a compreensão dos fenómenos estudados (Haig, 1995). A teoria emergente, porque oriunda dos dados, visa explicar o que acontece numa determinada situação de investigação, tendo em conta um conjunto de categorias e propriedades de natureza conceptual<sup>(5)</sup> (Glaser & Strauss, 1967, 1999). A teoria é construída com base na interpretação dos dados recolhidos de múltiplas fontes de material não estruturado (Henwood & Pidgeon, 1995), incluindo entrevistas e observações de campo (Haig, 1995; Henwood & Pidgeon, 1995).

A análise dos dados processa-se através do método da comparação constante (Glaser & Strauss, 1967, 1999), obedecendo às seguintes etapas: (1) codificação aberta – cotação em categorias de cada evento sugestivo para o tema, procurando obter o maior número de categorias possíveis (Glaser & Strauss, 1967, 1999); (2) integração das categorias e suas propriedades, estabelecendo, através de uma codificação axial, relações entre as categorias e sub-categorias (Strauss & Corbin, 1998); (3) delimitação da teoria, reduzindo o número de categorias numa categoria principal, através de um processo de codificação selectiva (Glaser, 2004) e (4) redacção da teoria (Glaser & Strauss, 1967, 1999; Pires, 2001). As etapas sucedem-se de forma integrativa.

A elaboração teórica é possível tendo em conta que, à medida que a codificação se processa, o investigador vai anotando, em *memos* (Glaser & Strauss, 1967, 1999), certo tipo de ideias, ou hipóteses teóricas (Dick, 2002), que dizem

respeito às relações existentes entre as categorias e as propriedades emergentes. Os *memos* serão o esqueleto da teoria (Dick, 2002).

Os sujeitos são escolhidos com base no processo de amostragem teórica (Glaser & Strauss, 1967, 1999; Strauss & Corbin, 1998). Este é orientado pela teoria emergente (Glaser & Strauss, 1967, 1999) e decorre ao longo da investigação (Strauss & Corbin, 1998). O seu objectivo consiste em aumentar a amostra, de forma útil, e desenvolver a “solidez” da teoria (Dick, 2002), através da maximização da oportunidade de comparar eventos, acontecimentos ou incidentes (Strauss & Corbin, 1998). Quando a categoria principal e as outras categorias estão saturadas, isto é, quando os novos dados analisados acrescentam muito pouco aos já existentes (Glaser & Strauss, 1967, 1999), o processo de codificação termina. A literatura é consultada à medida que é relevante (Dick, 2002). A sua análise insere-se no processo de comparação constante (Glaser, 2004), isto é, deve ser sistematicamente comparada com a teoria emergente, a partir do momento em que é definida uma categoria principal. É de assinalar que, antes da recolha dos dados, se dispensa qualquer leitura exaustiva da literatura respeitante à situação de investigação (Glaser, 2004). Desta forma, não se põe em causa uma das premissas básicas da teoria *Grounded*: a teoria deve emergir dos dados e não da teoria pré-existente (Glaser, 2004).

Uma boa teoria *grounded*, segundo Glaser e Strauss, é aquela que “*fit the situation being researched, and work when put into use. By ‘fit’ we mean that the categories must be readily (nor forcibly) applicable to and indicated by the data under study; by work we mean that they must be meaningfully relevant to and be able to explain the behavior under study*” (Glaser & Strauss, 1967, 1999, p. 3). É neste lugar que emerge a teoria sobre as relações fraternais de mulheres toxicodpendentes.

## 2.1. Procedimentos

No presente trabalho, utilizámos a entrevista semiestruturada (com uma duração aproximada de 40 minutos) para a obtenção dos depoimentos de 3 sujeitos. Foram colocadas questões do tipo: “O que sabe da história dos seus irmãos?”, “O que é que foi ouvindo enquanto foi

crescendo?”, “Se lhe pedir para pensar numa frase que defina a relação com o seu irmão, o que diria?” Para além destas, outras questões foram sendo formuladas, em função da pertinência do material emergente. As entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente, procedendo-se posteriormente à sua análise através do método de comparação constante. A codificação teve em vista a busca de explicações e uma maior compreensão do fenómeno em estudo (Strauss & Corbin, 1998), visando respeitar a sua natureza dinâmica e complexidade.

Num primeiro momento, foram sendo registadas as ocorrências/incidentes que pareciam estar relacionados com as relações fraternais, obtendo o maior número de categorias possíveis (codificação aberta) – as designações das categorias são muito aproximadas das referências dos próprios sujeitos. Simultaneamente, as várias categorias foram sendo comparadas, caso a caso, e agrupadas conforme as suas propriedades. Fomos estabelecendo, então, relações entre categorias e sub-categorias (codificação axial) – as designações das categorias foram definindo os conceitos.

À medida que a codificação foi evoluindo, uma das categorias assinaladas, *a perturbação dos padrões relacionais da fratria*, pela frequência com que ocorria nos dados, revelou-se a categoria principal. Assim, as categorias e sub-categorias passaram a ser codificadas em relação ao fenómeno principal (codificação selectiva), reduzindo-se o número total de categorias. À medida que a codificação se foi desenrolando fomos anotando, em *memos*, ideias e hipóteses que conceptualizavam relações entre a categoria principal e as restantes categorias. Estas anotações revelaram-se fundamentais na elaboração teórica dos resultados desta investigação. Finalmente, começámos a redigir a teoria e a compará-la com alguma da literatura existente. Relembramos que o modelo teórico emergente se aplica à situação particular dos 3 sujeitos estudados que integraram esta investigação.

## 2.2. Sujeitos

Participaram neste estudo 3 jovens mulheres toxicodpendentes, com 19, 29 e 33 anos respectivamente, que se encontravam, *à altura da recolha dos dados*, em tratamento num dos Centros de Atendimento ao Toxicodpendente

(CAT) da Região Centro. As três mulheres em estudo apresentavam consumos de heroína e apenas uma apresentava policonsumos de heroína e cocaína (sujeito nº2). Todas têm irmãos. A participante nº1 (29 anos) tem dois irmãos do sexo masculino (um, 5 anos mais velho, e o outro com mais 11 meses de idade). Sendo a mais nova da fratria, reside num anexo da casa dos pais com o companheiro. Nesta casa vivem, ainda, os outros dois irmãos; a nº 2 (19 anos) tem dois irmãos mais velhos (23 e 24 anos, respectivamente) e uma irmã mais nova falecida aos 16 anos, isto é, há cerca de 2 anos. Vive na casa da mãe; a nº3 (33 anos), por sua vez, tem um irmão (26 anos). É a mais velha da fratria e reside com o seu parceiro numa casa independente.

As participantes foram contactadas para fazer parte deste estudo, na instituição onde se encontravam a realizar o tratamento. O contacto foi estabelecido pessoalmente, tendo sido explicitado o seu objectivo e garantida a confidencialidade dos dados (através da não revelação dos seus nomes verdadeiros, por exemplo). Após esse esclarecimento inicial, foram realizadas as entrevistas com as participantes.

### 3. RESULTADOS

Podemos afirmar, através da análise das entrevistas, sua codificação e consequente conceptualização das categorias encontradas, que a ruptura e/ou o exagero dos padrões relacionais pré-existentes na fratria, consecutivo à ocorrência de perdas/separações, marca o aparecimento do principal fenómeno em estudo – a *perturbação dos padrões relacionais da fratria*. Este fenómeno é a ideia principal transmitida pelos sujeitos. Emerge dos dados e identifica acontecimentos ou eventos com os quais determinadas acções estão directamente relacionadas (Strauss & Corbin, 1998). Passamos, então, a descrever o fenómeno principal encontrado e as categorias que com este aparecem relacionadas.

#### 3.1. Fenómeno principal: “A Perturbação dos Padrões Relacionais da Fratria”

A perturbação dos padrões relacionais da fratria marca a alteração ou o exagero de determinadas interacções entre irmãos.

As relações fraternas são caracterizadas, ao longo do desenvolvimento, por *oscilações ao nível do eixo aproximação/afastamento*, englobando diversos aspectos relativos à proximidade (a *amizade*, a *protecção*, a *preocupação*, a *união*, o *suporte afectivo*, a *comunicação frequente*) e ao afastamento (o *conflito*):

“Éramos os dois mais ligados e o mais velho afastou-se um pouco, mas, depois, à medida que fomos crescendo (...) o meu irmão do meio começou a ficar mais afastado, e, entretanto, eu liguei-me ao mais velho.” (1.4)<sup>(6)</sup>

As *oscilações ao nível do eixo aproximação/afastamento*, enquanto prévias à ocorrência das perdas principais citadas – separação de irmãos, morte de irmãos ou morte do pai – permitem-nos caracterizar o lugar relacional onde emerge o fenómeno em estudo. As participantes, todavia, dão especial ênfase à relação estabelecida com o irmão ou irmã que, em termos cronológicos, está menos distante. É aí que se focalizam as suas maiores preocupações. Vejamos, então, mais pormenorizadamente o que despoleta a perturbação dos padrões relacionais da fratria.

#### 3.2. Categoria 1: As perdas

É a partir da adolescência/entrada na vida adulta que os sujeitos relatam perdas que marcam a eclosão da perturbação dos padrões relacionais fraternos. São assinaladas *perdas por afastamento/separação* e *por morte* que introduzem, ou aumentam de intensidade, uma série de características relativas às interacções do sub-sistema fraternal. Quando a *perda* acontece por *afastamento* e *separação de irmãos*:

“Depois de ele começar a trabalhar... foi aquela da superioridade... e depois, a partir daí, começou a ficar o dono do campo dele... tanto que as minhas primeiras idas ao café... Foi aí que começaram as confusões com o meu irmão. Muito antes das drogas. Tinha eu, alguns catorze anos, treze.” (1.4). “Andava numa maluqueira para experimentar isto (...), aquilo (...), e experimentei ir para lá (Luxemburgo). Tive lá dez meses a tomar conta da minha prima.” (2.5), “Tinha dezassete anos.” (2.4),

Surgem, então, as *dificuldades em aceitar e lidar com a separação*:

“Tava-lhe sempre a telefonar, (...) às vezes, (...) mais de duas vezes por semana, para saber o que se passava.”

"Tava mais de uma hora com ela ao telefone. Era até gastar o cartão de telefone" (2.5).

A *perturbação dos padrões relacionais da fratria* é, neste caso, expressa pelo conflito, "não dá para conversar. Às vezes gritei com ele para lhe explicar as coisas, mas não dá." (1.5).

Relativamente à *perda por morte*, evidenciam-se dois tipos de perdas: *morte de irmãos*, "quando a minha irmã faleceu, (...) fingi não acreditar naquilo que tinha acontecido" (2.4); *morte do progenitor masculino*, "o meu pai faleceu há dez anos" (3.2), "alterou-se completamente a relação" (com o irmão) (3.14). Verificam-se, então, *dificuldades de aceitação*, partilhadas por todos os sujeitos:

"andava muito alterada", "comecei a sentir-me mais sozinha..." (2.4); "ele (referindo-se ao irmão) nunca foi ao cemitério, nunca conseguiu ir. (...) Ele é muito fechado, não fala muito nisso" (2.10); "a minha mãe foi bastante abaixo (...), esteve internada na psiquiatria" (3.3), "está em casa, desempregada. Não conseguiu mais. Ela despediu-se do sítio onde trabalhava" (2.12).

De forma evidente, aparece o impacto da *perda por morte* na perturbação dos padrões relacionais entre irmãos:

"Antes do meu pai falecer... lá 'tá, havia diálogo (...), sabíamos falar um com o outro, e expor o problema, e tentar resolver o problema... Hoje em dia parece que é diferente... Já não há aquela coisa de (...) sair e falar sobre o assunto" (3.14), "Parece que houve ali um vazio, uma distância." "Houve sem dúvida um afastamento" "eu nem sequer ao casamento dele fui" (3.8), "Estávamos bastante desorientados." (3.7), "Foi desde que a minha irmã faleceu é que eles me começaram a proteger mais" (2.4), "andam sempre de volta de mim (...) a ver se eu preciso de alguma coisa, o que é que eu tenho. (...) andam sempre preocupados. E se eu chego um bocado mais tarde a casa, (...) telefonam para os hospitais, para ver onde é que eu estou" (2.3).

A *perturbação dos padrões relacionais da fratria* surge, pois, caracterizada por: *isolamento emocional, dificuldades de comunicação, conflito, ausência de suporte, sobrepreocupação, sobreprotecção, contração no sujeito, desunião, desorientação e problemas sintomáticos*. Estes aspectos emergem nas três participantes relacionados com as suas dificuldades em lidar com a perda/separação e associados ao desenvolvimento do sintoma toxicodpendente.

### 3.3. Categoria 2: Os Comportamentos Toxicodpendentes

Os sujeitos assinalam as perdas por morte, e as dificuldades em elaborar o luto, como elementos fundamentais na instalação da toxicodpendência, "depois do meu pai falecer é que eu senti mesmo dependência da heroína" (3.3). Os consumos são procurados como tentativa de lidar com a perda, "se (...) não tivesse a consumir não conseguia falar", "nem sequer olhar para as fotografias" da irmã (2.5), servindo para "abafar a situação" (3.4) e "encher a cabeça" (3.3.). O abuso de substâncias por parte dos sujeitos é "alimentado", também, pelas dificuldades de aceitação das perdas, vividas por irmãos e restante família, "com outra amiga minha, que andávamos a consumir juntas, falamos muito dela" (2.9), "Agora 'tar a dizer coisas que sinto, aos meus pais e aos meus irmãos, não consigo" (2.9).

No caso das perdas por afastamento, o consumo de drogas e álcool ocorre motivado pelo conflito com os irmãos, decorrente do respectivo fenómeno de perturbação dos padrões relacionais, mas também devido a problemas de toxicodpendência na própria fratria:

"o cérebro é fraco. Eu deixo-me ir por estas coisas do meu irmão (...), se entrasse num ouvido e saísse noutro, mas eu não consigo, sou capaz de ir logo à procura de qualquer coisa..." (1.14), "eu também me refugio, às vezes, um bocado no álcool (...) para tentar esquecer estas coisas todas..." (1.11), "Estas coisas todas, as guerras com o meu irmão, o problema da cocaína..." (1.10).

Por outro lado, na relação entre irmãos, a droga é tida como algo que afasta os elementos da fratria:

"quando estamos a consumir já não há praticamente ligação" (3.2), "geralmente, nós temos sempre recaídas na mesma altura do ano." (3.1), "quando não estamos a consumir somos muito unidos" (3.2).

Duas das participantes referem sistematicamente estes problemas de consumo de droga nos irmãos:

"ele também é toxicodpendente (...) tornou-se dependente primeiro que eu" (3.1), "infelizmente também tenho um irmão mais velho que já foi toxicodpendente. Já foi não, ele é sempre. (...) Deixou a heroína e agora está na cocaína." (1.1).

Existem, no entanto, outros problemas sintomáticos mencionados pelos sujeitos.

### 3.4. Categoria 3: Outros problemas sintomáticos

Para além do abuso de drogas, deparámo-nos com outros problemas dos sujeitos e seus irmãos, nomeadamente *tentativas de suicídio do sujeito*: “andava para aí no sétimo ano, tomei uma data de comprimidos” (3.12); *roubos esporádicos com os irmãos* “roubávamos do supermercado e iam fazer queixa à minha mãe” (2.3); *dependência económica da família de origem dos irmãos*, “ele ‘tá a ultrapassar uma fase muito má (...) teve que ir para casa dos meus pais e vê que tem que ‘tar ali às nossas custas, às custas dos meus pais... é um bocado complicado” (1.9); e *presença de psicopatologia nos irmãos*, “um dos meus irmãos (...) ‘tá assim tipo com uma depressão (...) a namorada dele fez um aborto.” (2.3), “Se calhar, talvez seja isso que esteja a dar cabo da cabeça dele.” (2.4). De assinalar é, também, numa das fratrias, a existência de *condenações judiciais*, “Foi preso, curou-se” (da heroína), “veio para fora.” (1.5).

### 3.5. Categoria 4: O núcleo parental

O pai é descrito, por duas participantes, como figura periférica/ausente, “geralmente, o meu pai estava sempre muito fora.” (1.6), “Só vem de semana a semana a casa.” (2.12), “Só há poucos anos se juntou mais...” (1.6). A *aproximação do pai* ocorre após a morte de um dos irmãos, “O meu pai (...) começou a ficar mais tempo em casa. Ele dantes costumava ir todos os fins-de-semana para a farra com os amigos e agora não.” (2.12). Duas das entrevistadas relatam ainda os seguintes aspectos: *confiança no pai*, “Eu sempre lhe contei tudo.” (2.12); e um *melhor entendimento* com este do que com a mãe, “...Sempre me entendi melhor com o meu pai.” (3.11).

Com a mãe são relatados *conflitos*:

“desde muito cedo” (3.12). “Logo no início da adolescência, lembro-me de (...) me zangar mesmo com a minha mãe (...) e de... pensar, e dizer, que nunca mais lhe contava mais nada” (3.12), “lembro-me de lhe contar assim certas situações e depois ela fazer uso daquilo que eu lhe contava para justificar ou os meus atrasos, ou o meu quarto desarrumado, ou coisa assim (...) ficava mesmo zangada.” (3.12).

A relação é definida como *confusa*, “com a minha mãe, sempre foi muito confuso...” (3.11). Para além disso, é

mencionado, por uma das mulheres toxicodependentes estudadas, depois da perda de um dos elementos da fratria, o facto de a mãe se ter tornado mais carinhosa – *aproximação da mãe* - “A minha mãe mudou. Começou a ser mais carinhosa (...)” (2.7). A *culpabilização por parte da mãe* surge relacionada com a perda do progenitor masculino, “depois da morte do meu pai (...) houve muito aquela coisa, em casa, de tentar culpabilizar uns aos outros (...) a minha mãe diz que eu tive uma adolescência muito rebelde, e que tinha dado cabo do meu pai...” (3.12). Após a ocorrência de perdas por morte, a mãe, nos relatos das entrevistadas, é caracterizada pela fragilidade, evidenciada quer pela existência de problemas sintomáticos, relativos a internamentos psiquiátricos, quer pela incapacidade em assumir um emprego estável. Relativamente ao casal são mencionadas, por uma das entrevistadas, *dificuldades conjugais associadas a comportamentos sintomáticos do sujeito*, “tomei uma data de comprimidos (...) penso que foi numa fase em que os meus pais tinham bastantes discussões em casa”. Em termos de estilos relativos à execução da autoridade parental, uma das participantes refere a *permissividade do sistema parental*, “Eu sempre me dei super-bem com os meus pais, por acaso. (...) Eles nunca nos proibiam de fazer nada.” (2.6).

### 3.6. Categoria 5: Relações entre pais e irmãos

No que diz respeito às *relações entre pais e irmãos*, é feita referência a uma *relação menos conflituosa e/ou preferencial da mãe com os irmãos*:

“(...) o meu irmão consegue manter uma relação com a minha mãe... ele dá melhor a volta à situação, eu sou mais explosiva e entro mais em atritos” (3.11), “ele era aquele que andava mais debaixo das saias da minha mãe (...) Talvez por ser o mais bem comportado. Era mais sossegadito.” (1.6);

Esta relação parece ser compensada por uma *preferência paterna pelo sujeito*: “O meu pai (...) podia estar muito à parte... mas, (...) sempre gostou muito de ter uma menina.” (1.6). Acrescentamos, relativamente à perturbação dos padrões relacionais da fratria, a interferência materna, *provocando e/ou aumentando o conflito* entre os irmãos: “a minha mãe está sempre a pôr pimenta num lado e noutra” (3.13); ou, tentando evitá-lo, através do

*encobrimento*: “a minha mãe tenta sempre encobrir tudo que é para (...) nem criar conflitos entre a gente” (1.11). A *união entre irmãos perante o sistema parental* também é referida: “se um fazia disparates, preferíamos levar todos, do que ‘tar a culpar um.” (2.3), assim como a *execução de funções parentais executivas por parte dos irmãos*, que impunham/impõem *regras e limites*, “lembro-me, quando era mais novita, ainda tinha a minha irmã, que eles (os irmãos) não me deixavam andar na rua e... não me deixavam fumar (risos)” (2.1), em contraste com a permissividade do sistema parental.

### 3.7. Categoria 6: A comunicação

As *dificuldades de comunicação* manifestam-se ao nível dos problemas relacionados com a toxicodpendência:

“agora sei que o meu irmão consome cocaína, e nós nunca conversámos sobre isso... Dali não se conversa sobre droga (...) e com o outro irmão (...) a conversa é sempre a mesma (...) às vezes é mais pela intermediária da minha mãe.” (1.5), “passo por ele ou ele passa por mim e não é capaz de dizer-me o que é que se passou, o que é que viu, nem nada... não se fala sobre isso...” (1.6), “se eles sabem que eu faço algum disparate, tipo como consumi... eles sabiam... nunca disseram nada à minha mãe” (2.3).

A *cegueira familiar* é um fenómeno presente nas famílias de duas entrevistadas:

“Eu consumi durante dez anos e só há pouco tempo é que o meu pai soube.” (1.10), “já toda a gente sabia quando os meus pais descobriram. Os meus pais foram os últimos a saber... E foi preciso contarem-lhes.”

Ao nível da comunicação familiar sobre os afectos dolorosos também são evidenciadas dificuldades: “contamos coisas que ela fazia (...) falar assim de coisas que nos faziam rir. Agora falar assim, tipo, na morte dela...” (muda de assunto) (2.10).

### 3.8. Categoria 7: As relações sociais

Numa das fratrias das três mulheres estudadas, a *partilha de amigos entre irmãos, após a perda/separação*, passa a ocupar um lugar importante: “ ‘tou sempre no meio do grupo de amigos deles (...) a gente antes não se dava.” (2.4). É referida, por uma das participantes, a *crença de*

*rejeição social*: “Em Setembro voltei para a Escola, e as pessoas olhavam para mim, tipo «olha aquela» (...) que era a estrangeira” (2.4).

As *relações com pessoas ligadas ao consumo de drogas* constituem uma parte importante do círculo social de todas as participantes: “foram duas pessoas à minha procura, duas pessoas... pronto, dos consumos” (1.12). Nestas, podemos encontrar as relações com *consumidores ocasionais*, com *toxicodpendentes* e *ex-toxicodpendentes*. São narradas, também, por uma das entrevistadas, as *tentativas de dissuasão relativamente aos consumos* por parte de pessoas da comunidade: “quando eu comecei a consumir, as pessoas sabiam (...) falavam comigo (...) eu dizia que não, e eles iam-me avisando para eu não fazer.” (2.8).

### 3.9. Categoria 8: As relações amorosas

As três participantes mantêm uma relação amorosa de *namoro* (participante 1), de *união de facto* ou equivalente (participante 2 e 3). Uma das participantes, em união de facto, refere *um único parceiro ao longo da vida*. Este parceiro é descrito como alguém que *não tem problemas sintomáticos relacionados com o consumo de drogas* e que mantém um comportamento de ajuda: “ele não tem nada a ver com drogas” (1.12), “muita paciência teve ele. E ajudou-me.” (1.13). Este parceiro, no entanto, *não partilha as mesmas relações sociais* da entrevistada: “eu não ando nos ambientes que ele anda, e ele também não anda nos meus.” (1.12). Sublinhamos ainda as suas *crenças de rejeição*: “ia ficar sozinha na vida” (1.12).

Uma outra participante, também em união de facto, afirma, pelo contrário, “uma certa facilidade de acesso às coisas (...) o meu irmão acaba por procurar os meus companheiros (...) para ter acesso ou... buscar pó.” (3.1), destacando o facto de estes estarem *relacionados com os consumos de droga*.

Tendo em conta os *parceiros anteriores* é referida, por parte de uma das participantes, a *iniciação ao consumo de drogas*: “Comecei a ‘tar com um rapaz... ele já tinha andado a consumir e começamos a fumar uma vez, outra vez...” (2.5).

O desejo de maternidade é expresso por todas as entrevistadas. O nascimento dos filhos é tido, para uma delas, como um *acontecimento positivo de grande importância*:



“posso dar graças a Deus, depois das asneiras que eu fiz, foi mesmo Deus que me pôs um ser tão bonito e tão perfeito ao mundo...” (1.15).

### 3.10. Categoria 9: Acontecimentos com repercussões ao nível intrapsíquico

Neste contexto, são de assinalar as perdas por afastamento/separação, nomeadamente da figura paterna; o afastamento/separação de irmãos, de amigos ligados aos consumos, e do sujeito em relação à família de origem. Relativamente a perdas por morte, emerge dos dados a morte do pai, a morte de irmãos e a morte de amigos relacionada com os consumos. São notórias, ao longo dos relatos das participantes, as dificuldades na aceitação e elaboração destas perdas. As vivências dolorosas de perda e as dificuldades de elaboração aparecem relacionadas, nos depoimentos recolhidos, com o início e desenvolvimento do sintoma toxicodpendente. A identificação aos objectos desaparecidos e o desejo de manter presente esse mesmo objecto é, também, um aspecto dominante.

Duas das participantes caracterizam a imagem materna como culpabilizante e/ou punitiva. Pelo contrário, a figura paterna é descrita de forma idealizada (confiança, melhor entendimento, preferência pelo sujeito).

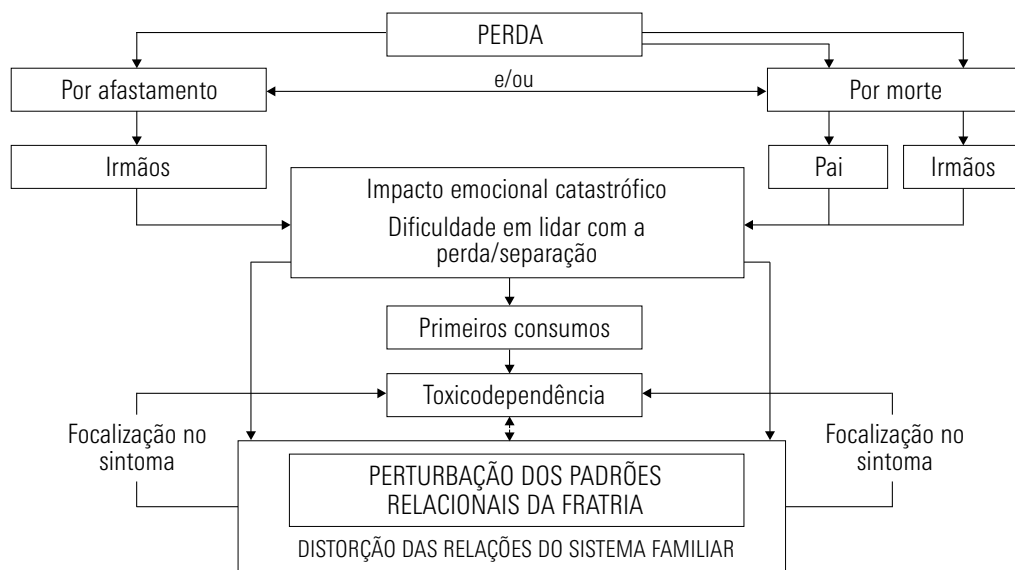
## 4. DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo sublinham a importância do contexto relacional da fratria para as mulheres toxicodpendentes estudadas, colocando em evidência a sua especificidade na manutenção de comportamentos aditivos e na capacidade, ou não, de suporte mútuo, perante a ocorrência de perdas reais, por morte, ou por separação/afastamento. O impacto da perda é mais evidente e manifesto nas situações de perda real e definitiva, sendo toda a dinâmica familiar mais intensamente perturbada nesta situação do que quando há perda por separação ou afastamento. Os resultados evidenciam que as alterações observadas ao nível das relações fraternais, principalmente nos casos de perda efectiva, são marcadas por uma clara distorção do anel relacional familiar. Segundo Fleming (1995), a distorção do anel familiar é umas das características mais frequentemente encon-

tradas na estrutura e funcionamento das famílias de toxicodpendentes. Este fenómeno, de acordo com a mesma autora, encontra-se associado ao impacto da morte e da separação de membros da família o que é consonante com os dados da nossa observação. Os resultados, contudo, sublinham a forma específica como a perturbação dos padrões relacionais da fratria, expressa e potenciada por *isolamento emocional, dificuldades de comunicação, conflito, ausência de suporte, sobrepreocupação, sobreprotecção, centração no sujeito toxicodpendente, desunião, desorientação e problemas sintomáticos*, parece aumentar a probabilidade de ocorrência de consumos nas mulheres estudadas.

A perturbação dos padrões relacionais da fratria aparece consecutivamente à ocorrência de perdas por morte e por separação/afastamento, que marcam a alteração ou o exagero de determinadas trocas interactivas entre irmãos. Esses padrões podem ser caracterizados pela união, cumplicidade, ciúme, rivalidade e agressividade (Braconnier & Marcelli, 2000). É um quadro de flutuações, que vai desde a proximidade excessiva à indiferença (Cicirelli, 1994), na maioria dos casos, na mesma fratria (Braconnier & Marcelli, 2000, Fernandes, 2005). No presente estudo, identificámos estas flutuações como *oscilações ao nível do eixo aproximação-afastamento*, prévias à ocorrência das principais perdas verificadas a partir da adolescência/entrada na vida adulta. Os sujeitos associam estas perdas à perturbação dos padrões relacionais da fratria.

A perda constitui-se como um acontecimento perturbador que se traduz por um impacto emocional catastrófico (Oliveira & Paixão, 1998) (ver Figura 1). Exige ao sujeito, e aos sistemas por ela afectados, a capacidade de adaptação a uma nova realidade, interna e externa, culminando na necessidade de elaboração de um processo de luto<sup>(7)</sup>.



**Figura 1** – A perturbação dos padrões relacionais da fratria

Ao nível individual, o impacto emocional é visível na declarada intolerância perante a dor sentida, quando o sujeito perde alguém muito querido ou quando deseja manter, no presente, vínculos infantis, isto é, quando as dificuldades de individuação/separação impossibilitam o crescimento e o reajuste às necessidades actuais do indivíduo. Os resultados evidenciam que a perturbação dos padrões relacionais da fratria parece estar relacionada com as dificuldades em lidar com a perda/separação. Estas últimas, por sua vez, associam-se ao desenvolvimento e manutenção do sintoma toxicodpendente. As perdas vividas, a sua elaboração e integração, são demasiado dolorosas para as mulheres estudadas. Estas parecem incapazes de tolerar a frustração de enfrentar o real, procurando os consumos como forma de evitamento dessa incapacidade. Tal como Morel, Hervé e Fontaine (1998) afirmam, o efeito do consumo de droga parece constituir uma forma de ausência do mundo, de esquecimento do ser e de desregulação de múltiplos diálogos interior-exterior, constituindo-se como um processo de desligamento passageiro entre a vivência subjectiva e a realidade. Os sujeitos procuram uma sensação psíquica de prazer, ou de anulação do desprazer, da dor, através do tóxico (*idem*). É a “pedrada” e a embriaguez como linha de defesa sinto-

mática para uma realidade impossível de integrar.

Ao nível do tecido relacional, os resultados mostram a modificação dos padrões interactivos vividos entre irmãos até à altura. A qualidade das modificações desses padrões parece ser diversa. Os resultados evidenciam que o tipo de perda, as circunstâncias em que a mesma ocorre, e o seu impacto emocional catastrófico, que depende dos recursos disponíveis para fazer face a tais acontecimentos por parte de irmãos, pais e sujeitos, influenciam o tipo de modificações ocorridas. O impacto emocional das respectivas perdas parece estar associado à capacidade de todos os elementos da família realizarem (ou não) processos de luto adaptativos. Os consumos, na ausência dessa capacidade suficientemente elaborada, parecem constar de uma espécie de acordo (e necessidade) para tornar a toxicodpendência no assunto principal da família, encobrendo as dificuldades de adaptação e reajustamento às novas realidades.

No nosso estudo, as dificuldades/fragilidades não são evidenciadas apenas pelos sujeitos, mas, também, pelas famílias, todas elas marcadas por dificuldades de autonomia/separação, ausência de estratégias que possibilitem a criação de um *holding* relacional, potenciador de processos de mudança, e pela pobreza dos processos comunicacionais e metacomunicacionais. Estes podem ser lidos como

estando relacionados com a baixa capacidade de integração emocional partilhada por sujeitos, irmãos e pais.

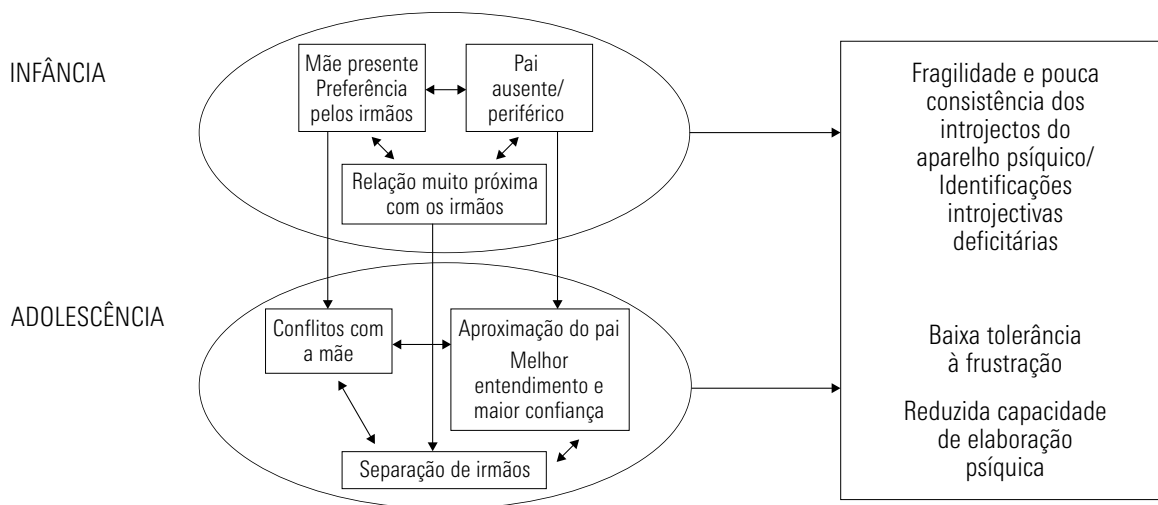
Parece-nos, assim, que irmãos e pais, perante a confrontação com fenómenos de perda, “optam” por se focalizar no sintoma toxicodpendente (ver Figura 1), procurando, desta forma, a actuação de um mecanismo estabilizador ou protector quando o equilíbrio da família entra em ruptura (Fleming, 1995). “A toxicodpendência torna-se então a questão fulcral em torno da qual sequências rígidas de interacção se perpetuam” (Fleming, 1995, 67). Este ciclo torna-se vicioso e a fratria parece desempenhar aí um papel fundamental. A função sistémica do sintoma toxicodpendente, enquanto comportamento para manter a homeostasia, para assegurar a conservação do objecto ou a defesa contra perdas ou reconhecimento da perda, sai, portanto, realçada (Reilly, 1975). Toda a família vivencia e expressa as suas dificuldades em lidar com a perda. O sujeito assume um papel de bode expiatório, constituindo a sua conduta uma espécie de sacrifício purificador (Alarcão, 2002) que permite alguma estabilização, ainda que mórbida, do caos motivado pela ocorrência de perdas reais e fantasmáticas. A crença na cronicidade do sintoma acompanha os sujeitos e parece ser também um factor de não mudança, do sujeito, dado que lhe fornece uma prótese identitária, e da família porque “resolve” o temor da ruptura.

Parece-nos importante reflectir, antes de finalizar, sobre alguns aspectos do desenvolvimento das mulheres participantes.

Os resultados sublinham a presença de uma mãe com características marcadas pela conflituosidade, pela preferência pelos irmãos e pela fragilidade. As mulheres estudadas parecem vivenciar, relativamente à mãe, uma intensa relação de rivalidade, colorida com sentimentos de abandono e desamparo, apesar de esta ter estado sempre presente nas suas vidas. Com o pai, a relação é descrita como de melhor entendimento e de maior confiança, apesar de este ter sido um pai ausente ou periférico.

A dicotomia entre “mãe presente, mas sentida como “abandonante” e “pai ausente”, mas sentida como “confiável” pode ser tomada como um indicador do comprometimento das funções fundamentais destinadas a criar identificações introjectivas (ver Figura 2). Malpique (1998), citando outros autores, afirma que a ausência do pai acaba por criar no interior do sistema familiar um vazio. A mãe, por sua vez, aparentemente sentida como agressora e/ou abandonante, parece contribuir para a existência de um outro vazio identificador especialmente sensível, tendo em conta a identidade feminina das participantes. A estes vazios relacionais corresponderá a fragilidade e a pouca consistência dos introjectos no interior do aparelho mental da criança e, mais tarde, do próprio adulto.

As três mulheres em estudo são marcadas por uma falha dos objectos internalizados. Estes objectos, tal como são revelados nas entrevistas, são paradoxais, insuficientemente integrados, insuficientemente apaziguadores e insuficientemente confortantes.



**Figura 2** – Desenvolvimento e Identificações Introjectivas

Existe, deste modo, uma incapacidade em lidar com a dor decorrente da falta do objecto, uma insuficiência criativa (na capacidade de pensar) para gerar novos tipos de vínculos, externos e internos, quando não é mais possível manter o vínculo original. Pensamos, pois, que um dos aspectos relacionados com estas identificações introjectivas deficitárias é a baixa tolerância à frustração e a capacidade de elaboração psíquica perante a perda. As perdas reactualizam os vazios. Surge um impasse, sem outra alternativa que não a toxicodpendência.

## 5. CONCLUSÃO

Os acontecimentos indutores de crise e sofrimento provocam, nas mulheres estudadas, para além das conhecidas alterações na dinâmica familiar, alterações de carácter mais específico ao nível das suas relações na fratria. Estas relações, ainda que não determinem o consumo de droga, estão implicadas nesse consumo, quer pela dinâmica relacional implícita, quer pela(s) problemática(s) internas a elas associadas e nelas reactualizadas.

O consumo dos próprios sujeitos parece estar relacionado com vários aspectos: pode surgir no seguimento da morte do elemento fraterno ou paterno, de maneira a anestesiar a dor, para “encher a cabeça”, segundo a expressão de uma das entrevistadas, e minimizar a percepção que se tem da dificuldade em expressar os afectos daí decorrentes; ou pode ser consequente à separação/afastamento e aos conflitos assim originados, como forma de suportar o impasse da pseudo-autonomização. Pode ainda ter uma função de estabilização do equilíbrio familiar.

Constatámos ainda que não é só dos laços parentais que se alimentam os conflitos, as distorções nas relações familiares, e o desenvolvimento e manutenção do sintoma toxicodpendente, enquanto sinónimo de dificuldades de autonomia-separação familiares e de dor psíquica, de carácter insuportável, vivida pelo sujeito. A fratria parece entrar nesta rede imbricada de relações internas e externas e não pode ser descurada dentro do estudo da família (Fernandes, 2002; Bachner-Melman, 2005; Dunn, 2005). As relações fraternas estão, de facto, profusamente interligadas com as relações pais-filhos, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento e na vida quotidiana dos sujeitos.

A par da relação com os pais, a fratria surge como um dos primeiros contextos vivenciais onde o indivíduo se encontra e pode experienciar sensações, afectos e comportamentos interpessoais que vão moldando a sua personalidade. No presente, a importância deste contexto parece prevalecer na potenciação de recursos familiares ou do próprio indivíduo mas, simultaneamente, como vimos no nosso estudo, como via de manutenção do impasse em que indivíduo e família se encontram. Parece, assim, existir, nas três mulheres estudadas, uma dificuldade crónica de integração, entre o registo da vida adulta e o registo da infância, partilhada em maior ou menor grau por todos os elementos da família. Esta dificuldade revê-se na incapacidade de elaborar o(s) luto(s) relativos à perda dos objectos infantis e à perda por morte efectiva de entes queridos.

Pensamos, que o tóxico se introduz nestas vertentes. Ele forja um pseudo-crescimento interno e uma estabilização mórbida do sistema familiar. Dupla função da droga, familiar e individual, como preenchimento de vazios internos e vazios relacionais. Como pseudo-resolução, em negativo, para o crescimento do aparelho psíquico, e como regulador-estabilizador das ameaças sentidas pelo sistema familiar na presença de um vácuo outrora preenchido.

É importante recordar que estes resultados e a respectiva construção teórica realizada se aplicam às três mulheres estudadas na presente investigação. Os nossos resultados, contudo, sugerem que é fundamental continuar a estudar as relações familiares, dando particular atenção ao contexto fraternal e à sua influência, demonstrando não só a sua importância, mas também delimitando a sua exacta dimensão no desenvolvimento e nas vivências actuais das mulheres toxicodpendentes, tidas aqui como sujeitos completos.

### Contactos:

João Barrocas  
Tel.: 234 429 529  
e-mail: joaobarrocas@gmail.com  
Rui Paixão  
Rua do Colégio Novo, Apartado 6153  
3001-802 Coimbra  
Tel.: 239 851 450  
e-mail: rpaixão@fpce.uc.pt

## NOTAS

(1) A fratria participa numa interacção com todos os elementos da família, sendo, portanto, uma parte em relação ao todo. As reacções da fratria dependem, naturalmente, da dinâmica familiar existente (França, 1994).

(2) Amaral Dias (1980) e Bergeret (1980) sublinham a importância do *deficit* de internalização da *imago* paterna, muitas vezes associado a uma relação fusional-conflitual com a figura materna, inscrevendo-se o sujeito num quadro marcado pela inconsistência relacional com as cores da complacência, da desqualificação, do evitamento, da dependência e, por vezes, da rigidez.

(3) Uma teoria *Grounded* pode ser definida, segundo Strauss e Corbin (1998), como “*a set of well-developed concepts related through statements of relationship, which together constitute an integrated framework that can be used to explain or predict phenomena*” (Strauss & Corbin, 1998, p. 15).

(4) O termo “*Grounded Theory*” designa, enquanto metodologia, um conjunto de estratégias específicas de procura de sentido, de análise e de manipulação de material qualitativo inicialmente pouco estruturado

A proposta base de Glaser e Strauss (1967, 1999) estabelece que o investigador deve adoptar uma postura de grande abertura e flexibilidade, evitando *assumpções a priori*, de forma a “captar” a teoria que emerge dos dados. A “*Grounded Theory*” distingue-se, deste modo, de outros métodos mais estruturados de análise qualitativa de dados (Henwood & Pidgeon, 1995). As abordagens subsequentes à teoria original diferem, no essencial, nas estratégias específicas de manipulação de dados apresentadas, fundamentais para a organização do processo de investigação. Strauss & Corbin (1998), por exemplo, concebem o processo de codificação axial de modo a permitir ao investigador conceptualizar relações entre as categorias e as sub-categorias assinaladas. Estas estratégias são consideradas “instrumentos” auxiliares do processo de análise. Não são “prescrições metodológicas”. Têm como objectivo facilitar, por um lado, e disciplinar, por outro, a capacidade criativa do investigador, a designada *theoretical imagination* (Henwood & Pidgeon, 1995), necessária ao desenvolvimento conceptual da teoria.

(5) As categorias são os conceitos que “suportam” o fenómeno; as propriedades referem-se às características que definem e dão significado a uma categoria; as dimensões, por sua vez, têm a ver com o grau em que as propriedades gerais de uma categoria variam (Strauss & Corbin, 1998).

(6) O primeiro número refere-se à entrevista; o segundo número identifica a página dos depoimentos obtidos nessa entrevista.

(7) Segundo Grinberg (2000), o luto seria a reacção normal e dolorosa que surge na sequência da perda do objecto amado, envolvendo as relações com os outros e exigindo um esforço global e dinâmico do Eu, de todas as suas funções, atitudes e defesas, de uma forma consciente e inconsciente. Pode ser ou não um processo elaborativo, isto é, pode desempenhar uma função adaptativa ou assumir contornos de não resolução da dor causada pela perda, condicionando o aparecimento da patologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ajuriaguerra, J. (1980). "Manual de Psiquiatria Infantil". Rio de Janeiro: Masson do Brasil.

Alarcão, M. (2002). "(des)Equilíbrios Familiares". Coimbra: Quarteto. (1ª Edição, 2000).

Amaral Dias, C. (1980). "A Influência relativa dos Factores Psicológicos e Sociais no Evolutivo Toxicómano". Coimbra: Ed. Delagrangue.

Amaral Dias, C. *et al* (2001). "Intervenções em toxicodependências. Do CEPD ao CATC (1977-1997)." Coimbra: Edição do CAT de Coimbra.

Avidi, E. (2005). "Negotiating a pathological identity in the clinical dialogue: Discourse analysis of a family therapy". *Psychology and Psychotherapy*, 78 (4): 493-511.

Babchuk, W. A. (1996). "Glaser or Strauss? Grounded Theory and Adult Education". Presented at the Midwest Research-to-Practice Conference in Adult, Continuing, and Community Education, University of Nebraska-Lincoln, Lincoln, Nebraska, October 17-19, 1996. Available on line at <http://www.anrecs.msu.edu/research/gradpr96.htm> [23/05/2004

Bachner-Melman, R. (2005). "Siblings in the Context of Anorexia Nervosa". *The Israel Journal of psychiatry and Related Sciences*, 42 (3): 178-185.

Ball, F. L. J., Cowan, P., Cowan, C. P. (1995). "Who's Got the Power? Gender Differences in Partners' Perceptions of Influence During Marital Problem-Solving Discussions". *Family process*, 34 (3), Printed from The Family Process CD-ROM.

Bergeret, J. (1980). "Le toxicomane et ses environnements". Paris: PUF.

Boutillier, H. (1999). "A toxicodependência na adolescência". In Gammer, C. e Cabié, M-C.. *Adolescência e crise familiar* (pp.107-124). Lisboa: Climepsi Editores.

Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). "As mil faces da adolescência". Lisboa: CLIMEPSI Editores. Edição original, 1998.

Cardoso, S. & Manita, C. (2004). "Mulheres toxicodependentes - o género na desviância". *Toxicodependências*, 10 (2): 13-25.

- Carvalhosa, A. P. P. (2000). "O impacto de um elemento com deficiência mental no sub-sistema fraternal: um estudo exploratório no concelho da Guarda". Dissertação de Mestrado não publicada (Psicologia Clínica do Desenvolvimento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Cicirelli, V. G. (1994). "Sibling relationships in cross-cultural perspective". *Journal of Marriage and Family*, 56 (1): 7-21.
- Cirillo, S., Berrini, R., Cambiaso, G., Mazza, R. (1999). "La familia del toxicodependiente". Barcelona: Paidós Ibérica.
- Coelho, A. (2004). "Educação e Cuidados em Creche: conceptualizações de um grupo de educadoras". Dissertação de Doutoramento apresentada no Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro.
- Coleman, P., Reardon, D., Cogle, J., (2005). "Substance use among pregnant women in the context of previous reproductive loss and desire for current pregnancy". *Journal of Health Psychology*, 10 (2):255-268.
- Denton, R., & Kampfe, C. (1994). "The relationship between family variables and adolescent substance abuse: a literature review". *Adolescence*, 29 (111): 475-496
- Dick, B. (2002). "Grounded Theory: a thumbnail sketch" Available on line at <http://www.scu.edu.au/schools/gcm/ar/arp/grounded.html> [20/11/2003].
- Dos Santos, J. (1988). "Se não sabe porque é que pergunta? – Conversas com João Sousa Monteiro". Lisboa: Assírio e Alvim.
- Drapeau, S., Simard, M., Beaudry, M., Charbonneau, C. (2000). "Siblings in family transition" *Family Relations*, 49 (1): 77-86.
- Dunn, J. (2005). "Commentary: Siblings in their families". *Journal of Family Psychology*, 19 (4): 654-657.
- Fernandes, O. M. (2002). "Semelhanças e Diferenças entre irmãos". Lisboa: CLIMEPSI Editores.
- Fernandes, O. M. (2005). "Ser único ou ser Irmão – As relações entre os irmãos nas famílias actuais". Lisboa: Oficina do Livro.
- Fleming, M. (1995). "Família e Toxicodpendência". Porto: Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (2005). "Entre o medo e o desejo de crescer – Psicologia da Adolescência" Porto: Edições Afrontamento.
- Flores, I., Carvalho, M., Magalhães, A, Pimentel, A, Calheiros, J. M. (2005). Grávidas toxicodpendentes: análise de alguns factores de influência nas atitudes face à gravidez. *Toxicodpendências*, 11 (3): 3-12.
- França, R. M. A. M. (1994). "A dinâmica da relação na fratria da criança com paralisia cerebral". Dissertação de Mestrado não publicada (Psicologia Clínica do Desenvolvimento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Glaser, B. & Strauss, A. (1999). "The discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research". New York: Aldine de Gruyter. Edição original, 1967.
- Glaser, B. com a assistência de Judith Holton (2004). "Remodeling Grounded Theory" *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research* [On-line Journal], Art. 4. Available at: <http://qualitative-research.net/fqs-texte/2-04/2-04glaser-e.htm> [20/05/2004].
- Grinberg, L. (2000). "Culpa e Depressão". Lisboa: Climepsi Editores.
- Haig, B. D. (1995). "Grounded Theory as scientific method". Available on line at [http://www.ed.uiuc.edu/EPS/PES-yearbook/95\\_docs/haig.html](http://www.ed.uiuc.edu/EPS/PES-yearbook/95_docs/haig.html) <[http://www.ed.uiuc.edu/EPS/PES-yearbook/95\\_docs/haig.html](http://www.ed.uiuc.edu/EPS/PES-yearbook/95_docs/haig.html)> [20/11/2003].
- Harbin, H. T. & Maziar, H. M. (1975). The Families of Drug Abusers: A Literature Review. *Family Process*, 14: 3, Printed from the Family Process CD-ROM.
- Henwood, K & Pidgeon, N. (1995). "Grounded Theory and psychological research" *The Psychologist*, 8 (3): 115-118.
- Hopfer, C., Stallings, M., Hewitt, J., Crowley, T. (2003). Family transmission of marijuana use, abuse, and dependence. *Journal of the American Child and Adolescence*, 42 (3): 834-841.
- Kidd, S., Henrich, C., Brookmeyer, K., Davidson, L., et. al. (2006). The social context of adolescent suicide attempts: interactive effects of parent, peer, and school social relations. *Suicide and Life Threatening*, 36 (4): 386-396.
- Lex, B. W. (1994). "Alcohol and other drug abuse among women". *Alcohol Health and Research World*, 18 (3): 212-220.
- Malpique, C. (1998). "A Ausência do Pai". Porto: Edições Afrontamento. (1ª Edição, 1990).
- Martin, S., English, K., Clark, K., et. al. (1996). "Violence and substance abuse among North Carolina pregnant women". *American Journal of Public Health*, 86 (7): 991-999.
- Morel, A., Hervé, F., Fontaine, B. (1998). "Cuidados ao toxicodpendente". Lisboa: Climepsi Editores.
- Nelson-Zlupko, L., Kauffman, E., Dore, M. M. (1995). "Gender differences in drug addiction and treatment: Implications for social work intervention with substance-abusing women". *Social Work*, 40 (1): 45-55.
- Oliveira, R. A.; Paixão, R. (1998) "As relações possíveis – psicopatologia e deficiência física". *CAESURA*, Canoas, nº 12, Jan/Jun, 3-8.
- Oliveira, R.; Paixão, R. (2002). "As Relações Possíveis: psicopatologia e sistemas relacionais ou as experiências emocionais nas relações" <<http://www.fpce.uc.pt/pessoais/rpaixao/reservada/artigos%20pessoais/relacoespossiveis.pdf>>. Available on line at <<http://www.fpce.uc.pt/pessoais/rpaixao/reservada/artigos%20pessoais/relacoespossiveis.pdf>>

- Paixão, R. (1991). "O Conceito de Homogeneidade e Heterogeneidade nos Grupos de Iguais Adolescentes". Dissertação de Doutorado: Universidade de Coimbra.
- Paixão, R. (2002). "Manual de Psicopatologia Infantil e Juvenil". Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Pandit, N. R. (1996). "The Creation of Theory: A Recent Application of the Grounded Theory Method". *The Qualitative Report*, 2, 4. Available on line at <http://www.nova.edu/ssss/QR/QR2-4/pandit.html> [20/11/2003].
- Pettigrew, S. (2002). "A Grounded Theory of beer consumption in Australia". *Qualitative Market Research. Bradford*, 5 (2): 112-123.
- Pires, A. (2001). "Crianças e Pais em Risco". Lisboa: ISPA.
- Quinlivan, J. & Evans, S. (2005). Impact of domestic violence and drug abuse in pregnancy on maternal attachment and infant temperament in teenage mothers in the setting of best clinical practice. *Archives of Women's Mental Health*, 8 (3): 191-199.
- Reichelt, S. & Christensen, B. (1990). "Reflections during a study on family therapy with drug addicts". *Family Process*, 29 (3), Printed from the Family Process CD-ROM.
- Reilly, C. M. (1975). Family factors in the etiology and treatment of youthful drug abuse. *Family Therapy*, 2 (2): 149-171.
- Relvas, A. P. (1996). "O Ciclo Vital da Família – Perspectiva Sistémica". Porto: Edições Afrontamento.
- Renshaw, J. R. (1976). "An Exploration of the Dynamics of the Overlapping Worlds of Work and Family". *Family Process*, 15 (1), Printed from the Family Process CD-ROM.
- Seltzer, M. M., Greenberg, J. S., Krauss, M. W., Gordon, R. M., Judge, K. (1997). "Siblings of adults with mental retardation or mental illness: effects on lifestyle and psychological well-being" *Family Relations*, 46 (4): 395-406.
- Slesnick, N., Bartle-Haring, S., Gangamma, R. (2006). Predictors of substance abuse and family therapy outcome among physically and sexually abused runaway adolescents. *Journal of Marital and Family Therapy*, 32 (3): 261-281.
- Stanton, M. D. (1979). "Drugs and the family". *Marriage & Family Review*, 2 (1): 1.
- Stephenson, A. L., Henry, C. S., Robinson, L. C. (1996). "Family characteristics and adolescent substance use". *Adolescence*, 3 (121): 59-78.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1994). "Grounded Theory Methodology. An Overview". In Denzin, N. e Lincoln, Y. (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*, (273-285). Thousands Oaks, London, New Delhi: SAGE Publications.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1998). "Basics of Qualitative Research – Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory". Thousand Oaks.
- Ungar, M. (2004). "The importance of parents and other caregivers to the resilience of high-risk". *Family Process*, 43 (1): 23-42.
- Vélez-Pastrana, M., González-Rodríguez, R., Borges-Hernández, A., (2006). Family function and early onset of sexual intercourse in latino adolescents. *Family Therapy*, 33 (2): 63-78.